

COMO CITAR ESTE TEXTO:

Formato Documento Eletrônico (ISO)

NASCIMENTO, Alexandre do. **A Nova Questão Social**. [Acesso em dd/mm/aaaa]. Disponível em <http://www.alexandrenascimento.com>.

*A NOVA QUESTÃO SOCIAL**

Alexandre do Nascimento

Para começar a falar de QUESTÃO SOCIAL vou tomar como ponto de partida a reflexão do sociólogo Robert Castel. Para ele, *"a questão social é uma aporia (irresolução, indeterminação) fundamental sobre a qual uma sociedade experimenta o enigma de sua coesão e tenta conjurar o risco de sua fratura. Ela é um desafio que interroga, põe em questão a capacidade de uma sociedade de existir como um conjunto ligado por relações de interdependência"*. Luiz Eduardo Wanderley complementa, afirmando que *"a questão social significa, desde logo, saber quem estabelece a coesão e em que condições ela se dá"*.

Observando os fatos e as dinâmicas da política internacional, podemos dizer que hoje há uma *coesão* sendo imposta pelos países centrais, com comando e hegemonia dos EUA. E as condições em que essa coesão se dá são extremamente perversas (produção de pobreza, crises político-econômicas, conflitos, guerras, etc).

Mas isso em nada quer dizer que a essa coesão não pode ser rompida e que não haja possibilidade de forçar a sua fratura para constituir uma outras formas, conteúdos e dinâmicas sociais, que não haja possibilidade para manifestação da resistência e da criação. Vários movimentos globais, locais, cotidianos apresentam-se como formas criativas de resistências e produção de novos sentidos e formas. Voltaremos neste assunto no final dessa exposição.

Uma questão social não surge por si só. Um problema se transforma efetivamente em questão social quando é percebido e assumido por um setor da sociedade que tenta por

* Palestra no seminário O Trabalho da Multidão....

algum meio equacioná-lo, torná-lo público, transforma-lo em demanda política, o que implica em tensões e conflitos. O surgimento e as mutações da questão social é, portanto, resultado de lutas, de construção de novos sujeitos políticos, de uma nova correlação de forças.

De certa forma está se tornando explícito que hoje a questão social está centrada nas extremas desigualdades sociais e injustiças de todo tipo, nos conteúdos e formas assimétricas das relações sociais em suas múltiplas dimensões (das relações internas numa dada sociedade e das relações entre as sociedades). Como determinantes fundamentais dessa *nova questão social* podemos apontar os modos de produção e reprodução social, os modelos dominantes de regulação das relações econômicas, a formação social-histórica da sociedade. Por força das profundas mudanças que estão acontecendo no mundo do trabalho, nos processos produtivos, na gestão do Estado, nas políticas sociais e pelo acirramento de conflitos oriundos de problemas étnicos, regionais e de relações internacionais, a questão social adquire dimensões globais. Essas novas dimensões, entretanto, não diminuem a importância dos problemas internos de cada sociedade.

No Brasil a questão da pobreza/miséria/exclusão social, que é considerado algo a ser combatido e exterminado, tem um elemento que é pouco considerado: as desigualdades e as relações histórico-sociais que produzem e reproduzem essas desigualdades. Ou seja, em geral não se relacionam pobreza/miséria/exclusão com o problema das desigualdades. A pobreza e a miséria causam indignação, as desigualdades não são questionadas e menos ainda são questionadas as razões das desigualdades sociais. Numa análise histórica de como a sociedade brasileira se constitui a partir da abolição do modo de produção escravista, não é difícil entender que o racismo está no cerne das desigualdades. Sabemos que raça é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Refiro-me aqui ao conceito sociológico de raça, que denota *uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais* (essa é uma elaboração do prof. Antonio Sérgio Guimarães, e eu concordo com ele). A realidade das raças limita-se ao mundo social. E o conceito de raça tem uma realidade social plena. E o racismo (a crença na existência de raças humanas, onde o branco ocidental é raça superior) é uma forma específica de naturalizar a realidade social e, portanto, de naturalizar as desigualdades e a exclusão, isto é, de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais. O

racismo vai além de uma simples afirmação de inferioridade dos outros, torna-se discriminação, desprezo, confinamento, para exacerbar-se finalmente em raiva, ódio e loucura assassina.

Isso não parece ser muito diferente em outros contextos sociais de miséria e conflitos. Boa parte da luta no movimento social negro no Brasil (e em algumas partes do mundo) foi, em primeiro lugar, mostrar para a sociedade que o racismo é uma realidade e que a pobreza e as desigualdades sociais são também sua consequência. Pode-se dizer que nessa luta o movimento negro obteve vitórias: O Estado brasileiro e boa parte da sociedade admitem o racismo. Estamos agora discutindo políticas de combate ao racismo (as chamadas ações afirmativas). O movimento social, entretanto, continua dinâmico. Novos sujeitos continuam surgindo para a luta contra o racismo e as desigualdades sociais, como é o caso dos pré-vestibulares para negros e carentes (que é uma experiência que faço parte desde a sua fundação em junho de 1993 na Baixada Fluminense).

Eu não fiz esse "desvio" sobre a questão racial por acaso. No meu ponto de vista o racismo, a discriminação, a xenofobia, o sionismo, as castas e as diversas formas de intolerância é, hoje, a grande questão a ser enfrentada, que não é uma questão isolada, está imbricada com questões de ordem política e econômica. A conferência mundial de combate ao racismo realizada em setembro de 2001 em Durban, África do Sul foi mais que uma conferência da ONU, foi palco de explicitação de conflitos nacionais e internacionais em diversas partes do mundo, as castas na Índia, os problemas do mundo árabe, o conflito Israel e Palestina, a questão das reparações para africanos e afrodescendentes, etc. todas envolvendo questões políticas, econômicas e culturais. Na dinâmica da conferência foi possível perceber um pouco o tamanho do problema que é a questão do racismo. O processo de globalização (eu prefiro falar em mundialização: mundialização de valores, do modo de vida, da cultura e dos interesses, sobretudo dos EUA, como denuncia Frederic Jameson). Bem, eu fico pensando se essa mundialização não pode ser analisada como um processo que tem tudo para ser transformar-se em fundamentalismo, discriminação e intolerância, pois o que não é "americano" é inferior, deve ser desprezado, confinado, eliminado; o que é americano é bom, deve ser interiorizado por todos (por bem ou por mal). Por exemplo, sabe-se que a dominação dos filmes americanos em mercados estrangeiros é conseguida por via política, através de cláusulas específicas em tratados e pacotes de ajuda econômica, mas o que

surpreende é a facilidade de um público não-americano se habituar aos estilos hollywoodianos. Aqui no Brasil é impressionante como os filmes americanos são valorizados e interiorizados, o que é pior.

Não sei se é um devaneio meu, mas tenho pensado em uma certa semelhança entre o período escravista e o atual processo de mundialização. No Brasil, em 400 anos de escravidão desenvolveu-se a idéia de inferioridade de africanos e afrodescendentes. Essa idéia tinha o apoio da igreja católica, que chegou a dizer que a escravidão de africanos era importante para a sua salvação. No final do século XIX essa idéia foi bem elaborada pelas chamadas teorias racistas. Não tenho aqui muitos elementos para falar sobre essas teorias, mas posso dizer que elas influenciaram vários intelectuais brasileiros importantes. E, 114 anos após a abolição, ainda há muito que fazer para desconstruir o imaginário racista, preconceituoso e discriminatório que foi criado pelas elites e interiorizado pelo conjunto da sociedade brasileira. O ódio de árabes que se desenvolveu na sociedade americana após o episódio de 11 de setembro é um exemplo.

Por último, eu quero voltar a questão da resistência e da criação. Concordo com o filósofo francês Cornelius Castoriadis na sua afirmação de que a instituição da sociedade é auto-instituição e somente acontece na e pela ação humana, individual e coletiva. Por isso um elemento muito importante quando falamos em emancipação é a autonomia. Como atividade política, esse fazer-se sujeito individual e coletivo, esse dar-se as próprias leis, essa recusa ao inexorável e ao que está determinado (pelas leis da História e da Natureza, por Deus, etc), é meio e finalidade, é processo e projeto, é criação do novo a partir do exercício de *imaginação do novo*. São os sujeitos, lançando mão do *imaginário instituinte*, a fonte da criação de outros conteúdos e formas.

A emancipação humana, entretanto, não decorre naturalmente da simples existência da capacidade de criar, mas requer que os indivíduos e a sociedade lancem mão dessa capacidade de criação para pensar e construir o novo: novos valores e novas práticas que possam instituir outras formas nas relações sociais e instituições que entendam as pessoas como cidadãos, possibilitem as mesmas oportunidades (econômicas, sociais, culturais e políticas) a todos e facilitem ao máximo o desenvolvimento da autonomia individual e coletiva.

Os acontecimentos em Gênova, Seattle, Buenos Aires, o Fórum Social Mundial e os diversos movimentos globais, regionais, locais e cotidianos que insistem em não admitir

que a história acabou são coisas que acendem a possibilidade do novo.